

Contraste, concessão e contra-argumentação em textos académicos: uma análise exploratória¹

Isabel Margarida Duarte
iduarte@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Alexandra Guedes Pinto
mapinto@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Sónia Valente Rodrigues
srodrigues@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

ABSTRACT.

The present study takes an integrated approach of grammatical elements and structures from the perspective of their functioning in texts/discourses. It focusses the semantic-pragmatic and argumentative-discursive values of utterances represented by the conceptual scheme *Yes... But...*, in academic writing, in particular master's theses and reports. Its object are discursive sequences with a composite argumentative movement comprising concession and contrast / counter-argumentation. From a wide universe of works, made up of final reports from FLUP Master's students, from the years 2020-2022, five works were selected in which the discursive sequences in focus frequently occur. The set of clipped sequences constituted the *corpus* of this study. After the theoretical framework, an exploratory analysis of qualitative and interpretative nature was carried out, based on procedures such as: the segmentation of utterances with movements of concession and contrast, starting from the identification of linguistic elements related to the conceptual scheme *Yes...*, *But...*; the categorization and description of these segments, taking into account syntactic-semantic and pragmatic-discursive dimensions; the comparison of the values displayed by the sequences of the different categories; the explanation of the occurrences in the academic genre in question; the articulation of the linguistic elements with the enunciative, interactional and contextual dimensions of discourse production. The

¹ Este trabalho é financiado pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto, ao abrigo do Programa de Financiamento FCT-UIDB/00022/2020 (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

results show that contrastive constructions, such as adversative and concessive, acquire, in discourse, very similar semantic-pragmatic and discursive-argumentative functions, serving to mark mitigated discordant polyphony and a confrontational strategy that combines agreement (even if partial) with disagreement, a strategy that proves to be particularly appropriate in the discursive genre under analysis. They also demonstrate that this movement is present in academic works with higher classifications, in the final assessment of the course, working as evidence of the author's capacity for problematization and critical, divergent thinking. In this way, it may come to function as a specific marker to improve the academic writing competence.

KEYWORDS.

Academic texts; counter-argumentation; concessive constructions; contrastive constructions; connectors.

RESUMO.

O presente estudo assume uma abordagem integrada de elementos e estruturas gramaticais na perspetiva do funcionamento nos textos/discursos para analisar os valores semântico-pragmáticos e argumentativo-discursivos de enunciados representados pelo esquema conceptual *Sim...*, *Mas...*, na escrita académica, concretamente em trabalhos finais (teses e relatórios) de estudantes de Mestrado. Tem por objeto sequências discursivas com movimento argumentativo compósito constituído por um segmento marcado pela concessão e um segmento marcado pelo contraste e a contra-argumentação. De um amplo universo de referência, constituído por relatórios finais de estudantes de Mestrado da FLUP, dos anos 2020-2022, selecionaram-se cinco trabalhos em que ocorrem com frequência as sequências discursivas em foco. O conjunto dos enunciados recortados constituiu o *corpus* deste estudo. Depois do enquadramento teórico, foi realizada uma análise exploratória, de natureza qualitativa e interpretativa, com base em procedimentos como: a segmentação de enunciados com movimentos de concessão e contraste a partir da identificação de elementos linguísticos relacionados com o esquema conceptual *Sim...*, *Mas...*; a categorização e descrição desses segmentos, tendo em conta dimensões sintático-semânticas e pragmático-discursivas; a comparação dos valores exibidos pelos enunciados das diferentes categorias; a explicação da ocorrência das construções em análise nos textos do género académico, através da relação com a dimensão situacional/contextual de produção do discurso, articulando elementos de natureza linguística, enunciativa e interacional. Os resultados demonstram que construções contrastivas, como as adversativas e as concessivas, adquirem, no discurso, funções semântico-pragmáticas e discursivo-argumentativas muito semelhantes, contribuindo para a marcação de polifonia discordante mitigada, ao serviço de uma estratégia confrontacional que compatibiliza acordo (embora parcial) e desacordo, estratégia que se revela particularmente adequada no género discursivo em análise. Demonstram, ainda, que esse movimento está presente nos trabalhos académicos de classificações mais elevadas, na avaliação final do curso, assumindo no género textual em causa papel de indicador da capacidade de problematização e de pensamento crítico e divergente dos autores dos textos. Poderá, deste modo, vir a funcionar como marcador específico de valorização da competência de escrita académica.

PALAVRAS-CHAVE.

Textos académicos; contra-argumentação; construções concessivas; construções contrastivas; conetores.

1. Introdução

No discurso académico, nomeadamente em trabalhos finais de Mestrado, como teses e relatórios, é particularmente abundante o movimento discursivo contrastivo que incorpora concessão e contra-argumentação, com valores que iremos abaixo analisar, e se prendem com o estatuto do locutor desses discursos². Embora esse locutor ensaie um discurso de tipo científico, com uma investigação que procura testemunhar que pode fazer parte da comunidade científica, estes são géneros do discurso académico (Marques 2022), balizados por coordenadas enunciativas próprias. O locutor está a iniciar-se na investigação e a sua voz precisa da autoridade de outras para se credibilizar. Nem sempre concorda com elas, mas essa discordância é dita, com frequência, de forma atenuada. Deve demarcar-se do senso comum, porque está em busca de um estatuto de investigador. Por fim, o jovem investigador terá tendência para problematizar as suas escolhas metodológicas, as generalizações que a análise dos dados lhe permite, ou não, fazer, até a própria recolha de dados. Em todos estes momentos, os movimentos discursivos contrastivos que incluem concessão e contra-argumentação, com os variados matizes de sentido que permitem, são um recurso inestimável. Na designação das contrastivas incluímos as categorias adversativas e concessivas pois, como afirma Óscar Lopes,

Uma das facetas mais óbvias das construções concessivas consiste na larga possibilidade de as parafrasear por construções adversativas com as quais de resto se usam em correlação mais ou menos redundante, principalmente em

2 Neste estudo, que constitui a nossa homenagem à Professora Fátima Oliveira, adotamos uma perspetiva integrada, semântico-pragmática e discursivo-argumentativa, para a descrição de construções de tipo contrastivo. Dentro destas construções, focalizaremos aquelas que permitem executar um movimento discursivo-argumentativo que incorpora concessão e contra-argumentação (não necessariamente nesta ordem). A aceção em que usamos o conceito “construção”, que surge, no nosso texto, em alternância com “enunciado”, “estrutura”, “sequência”, “movimento”, é uma aceção integrada.

fases arcaicas das actuais línguas indo-europeias e em registos onde a clareza ou a ênfase prima sobre a concisão.

Lopes (2005a: 177)

Assumimos que, no género discursivo por nós seleccionado, o registo privilegia a clareza e a ênfase em detrimento da concisão.

Nas sequências discursivas que pretendemos analisar, ocorre um movimento argumentativo compósito, que poderíamos esquematizar através da formulação “*Sim... mas...*”, em que o segmento marcado pela partícula *Sim* representaria o movimento concessivo da construção, enquanto o segmento marcado pela partícula *Mas* simbolizaria o movimento contra-argumentativo da mesma.

Este movimento argumentativo pode ter realizações sintáticas diversas. Numa primeira configuração, encontram-se as construções concessivas prototípicas, em que a conjunção concessiva, tal como *embora* ou *ainda que*, assinala o segmento concessivo da sequência e o segmento contra-argumentativo surge com ou sem marcação linguística visível, podendo este ocorrer antes ou depois do membro concessivo. Nesta configuração, incluem-se construções como:

- (1) **Ainda que**, atualmente, a avaliação seja vista através de novos prismas, não apenas no que respeita aos métodos, mas também relativamente aos objetivos, **não temos dúvidas ao afirmar que** a mesma deve assentar em princípios de qualidade. (Rel_A, p. 41)
- (2) **É perceptível** a relevância que a capacidade argumentativa tem ao longo do percurso escolar como aprendizagem explícita, **embora** “no caso particular da composição escrita do texto argumentativo, o seu ensino [se revista]³ de exigências específicas decorrentes da característica intrinsecamente dialógica da argumentação.” (Prata et al., 2015, p.164). (Rel_D, p. 53)

3 O texto original foi corrigido. Estava, no texto citado pela estudante, “reveste-se”, que alterámos por motivos sintáticos.

Nos dois exemplos acima, extraídos do nosso *corpus*, torna-se claro que os segmentos em que se materializa a contra-argumentação⁴ são linguisticamente marcados por estruturas com valor de reforço semântico-argumentativo, a saber: “não temos dúvidas ao afirmar que” e “É perceptível”.⁵

Numa segunda configuração, encontram-se as construções classificadas como adversativas, nas quais o segmento contra-argumentativo é marcado pelo conector adversativo (*mas, porém, no entanto, contudo, todavia*, entre outros), podendo o segmento concessivo surgir sem marcação linguística visível, caso no qual se encontram construções contrastivas prototípicas como:

- (3) Avaliação e teste aparecem muitas vezes relacionados na literatura com estudos sobre avaliação, **no entanto**, designam realidades diferentes. (Rel_A, p. 33)
- (4) (...) grande parte dos discentes apresentou o tema, na introdução [...], **mas** os principais obstáculos, relativamente ao desenvolvimento da argumentação, mantiveram-se visíveis. (Rel_D, p. 29)

Em alternativa, o segmento concessivo da configuração pode surgir marcado por estruturas várias que, não sendo conjunções concessivas prototípicas, adquirem um valor concessivo, quando enquadradas no movimento em análise. Encontram-se dentro deste conjunto estruturas como: *É verdade que/É um facto que /É óbvio {certo, seguro, possível...} que / Pode ser que/ Reconhecemos {admitimos} que*, (entre outras). Nesta configuração, encontram-se enunciados como:

- (5) **Parece-nos evidente que** a aplicação de estratégias diversificadas que incidem na revisão textual desenvolve a capacidade de

4 Note-se que usamos os termos *contra-argumentação* e *contra-argumento* na aceção de Anscombe & Ducrot (1977), para sinalizar o argumento que, numa dada construção argumentativa polifónica, em que duas vozes se confrontam em dissenso, é apresentado como o argumento mais forte que prevalece para uma dada conclusão. A noção de contra-argumento justifica-se na proposta destes autores, na medida em que, sendo estas construções polifónicas, o contra-argumento rebate uma voz convocada no segmento concessivo.

5 Embora as construções concessivas incorporem sempre os movimentos argumentativos de concessão e de contraste, a ordem pela qual os segmentos da construção são ordenados não é indiferente, podendo sinalizar estratégias discursivas distintas por parte do falante. Não nos deteremos no estudo destas especificidades, sendo que focalizaremos construções em que o membro concessivo tende a anteceder o contra-argumentativo, por serem estas as mais frequentes no *corpus* reunido.

reescrita dos discentes, **contudo**, não nos podemos esquecer de que a revisão textual implica um esforço cognitivo elevado (...) (Rel_D, p. 49)

- (6) **Claro que**, nestas faixas etárias, os ganhos ao nível metacognitivo e de autonomia, devem ser enquadrados numa perspetiva mais linear e simples, atendendo aos estágios de pensamento e precocidade da criança. **No entanto**, como este projeto assinalou, é realístico, e desejável, que os aspetos metacognitivos possam ser trabalhados dentro e fora da sala de aula, estabelecendo assim uma base que facilite, quer o desenvolvimento das crianças na língua inglesa, quer uma maturação mais eficaz ao nível intelectual, psicossocial e emocional. (Rel_E, p. 58)

Neste trabalho, teremos como foco o movimento discursivo contrastivo que incorpora concessão e contra-argumentação realizado através dos formatos acima referidos, independentemente dos conectores concessivos e adversativos usados e da ligação interfrásica ser coordenativa ou subordinativa. Procuraremos comprovar que, do ponto de vista pragmático-discursivo, as diversas construções assinaladas têm valores e funções muito semelhantes.

O presente estudo, de natureza exploratória, está organizado em cinco partes, a saber: em 1., a introdução; em 2., um breve enquadramento teórico da questão; em 3., a metodologia; em 4., a análise dos resultados; em 5., as considerações finais.

2. Enquadramento teórico

Flamenco García (1999: 3809-3878) considera as construções concessivas e adversativas como construções nocionalmente muito próximas⁶, lembrando que esta proximidade semântica ou parentesco lógico, particularmente no caso das mais representativas, era já assinalado pela tradição gramatical, que salientava a possibilidade de parafrasear uma

⁶ Este capítulo integra o Tomo 3 da *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* organizada por Ignacio Bosque e Violeta Demonte.

através da outra⁷. Esta equivalência deve-se a que, nestas duas construções, se exprime a mesma ideia de contraste e de oposição entre os dois membros oracionais.

Por outro lado, Flamenco García salienta ainda o facto de estas construções se situarem num lugar de fronteira entre a estrutura oracional e o discurso, sendo que a sua caracterização adequada implica a mobilização simultânea de aspetos formais e contextuais, e, assim, a adoção de uma perspetiva de estudo múltipla, que integre necessariamente uma análise de tipo gramatical e pragmático (ibidem: 3809).

Deter-nos-emos, num primeiro momento, nas propostas de descrição gramatical para, num momento subsequente, estabelecermos a ligação dos aspetos formais com os discursivos numa perspetiva integrada de abordagem das construções em causa.

2.1. Propostas de descrição gramatical

A relação de contraste veiculada por certos elementos de ligação de constituintes ou de orações pode ter uma dupla natureza, como anotam diversos autores (Matos & Raposo 2013, Charaudeau 1992, e.o.). Pode existir um contraste semântico, que se fundamenta em propriedades semânticas dos termos, como em (7) e (8), ou um contraste pragmático, como em (9):

- (7) O Luís não foi à praia, mas à piscina.
- (8) A água não está quente, mas está morna⁸.
- (9) Ele é republicano, mas é honesto.⁹

A diferença entre estes dois tipos de contraste é a de que, em (7) e (8), se opõem termos que, em competência, possuem propriedades semânticas contrastantes (por exemplo, em (8), *quente* e *morno* estabelecem uma ligação de antonímia graduável), ao passo que, em (9), o contraste é estabelecido

⁷ Particularmente nas adversativas mais prototípicas com *mas* (o *mas* equivalente ao *pero*) e nas concessivas mais prototípicas com *embora*, esta equivalência torna-se muito saliente, como podemos comprovar pelo par: “Embora X tenha estado muito doente, foi trabalhar” e “X esteve muito doente, mas foi trabalhar”.

⁸ Este exemplo é utilizado a partir do texto de Joaquim Fonseca sobre o funcionamento discursivo de ‘Se não A, pelo menos B’, em que analisa também o esquema ‘não A, mas B’, com o valor de contra-argumentação (Fonseca 1998).

⁹ Exemplo de Lakoff, extraído e adaptado de Anscombe & Ducrot (1977: 29).

em sede de discurso, não havendo nada, ao nível paradigmático, que fundamente o contraste entre os predicados “ser republicano” e “ser honesto”.

De acordo com as descrições gramaticais, as relações de contraste podem materializar-se através de construções variadas.

2.1.1. Coordenação adversativa

A conjunção coordenativa adversativa (*mas*) veicula um valor de contraste, explícito ou implícito, entre dois termos coordenados. O *mas* introduz o segundo termo coordenado, que se designa por “termo adversativo”, ligando elementos de diferentes tipos.

Matos & Raposo (2013: 1800) excluem da classe das conjunções coordenativas adversativas não só as formas *porém*, *todavia*, *contudo* e *no entanto*, mas também as formas *senão*, *exceto*, *menos*, *fora* e *salvo* (partículas de exclusão).

O entendimento destes autores é o de que *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* são conetores entre constituintes ou orações, mas não possuem as características gramaticais que as conjunções coordenativas possuem, tendo em conta a definição de conector como:

coleção heterogénea de palavras ou locuções pertencentes a classes diversas e com propriedades gramaticais distintas, que partilham com as conjunções a função de estabelecer uma conexão entre constituintes de vários tipos, incluindo, por vezes, orações.

Matos & Raposo (2013: 1805)

Independentemente de serem consideradas conjunções adversativas ou conetores, estas unidades são contrastivas, introduzem um argumento cuja direção retifica ou contraria um outro expectável ou mesmo assumido.

2.1.2. Estruturas de coordenação com conetores de valor contrastivo

Os conetores *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* expressam um valor contrastivo e ocorrem em estruturas de coordenação adversativa muitas

vezes assindéticas, embora também haja exemplos em que a conjunção adversativa não é omitida, como no exemplo seguinte:

- (10) Ela está preocupada, **mas**, *no entanto*, fez tudo o que devia.

Neste exemplo, a conjunção *mas* estabelece o contraste adversativo; *no entanto* funciona como reforço desse valor.

Estes elementos podem ocorrer em contextos mais vastos do que a estrutura de coordenação. Por exemplo, numa frase simples integrada num contexto discursivo contrastivo mais amplo:

- (11) A falta de condições é enorme; os médicos da AMI têm, {*porém/ todavia/contudo/no entanto*}, feito um trabalho notável.

São, de acordo com os autores, conetores com um valor de contraste no domínio da coordenação.

2.1.3. Orações subordinadas adverbiais de valor concessivo

Matos & Raposo (2013) referem que frases com orações subordinadas adverbiais de valor concessivo também veiculam um valor de contraste:

- (12) O Luís não comprou o livro, {*embora/ainda que*} adore o seu autor.

No exemplo (12), a oração concessiva permite inferir a expectativa da compra do livro, expectativa que é contrariada pela asserção da oração principal.

2.1.4. Proximidade semântica vs diferenciação sintática

Verificamos, assim, que, se por um lado certas descrições gramaticais assinalam a proximidade semântica entre as construções concessivas e as adversativas, salientando que ambas concretizam relações de contraste, por outro lado mantêm uma diferenciação entre as duas, quanto ao tipo de

relação sintática que liga os seus membros, baseada na oposição parataxe-hipotaxe. Neste parâmetro, as adversativas surgem integradas nas estruturas coordenadas e as concessivas nas subordinadas adverbiais circunstanciais.

Não obstante esta divisão preconizada por algumas descrições gramaticais, outros enfoques teóricos atuais põem em dúvida tanto o caráter coordenado das adversativas como o caráter subordinado das concessivas.¹⁰

Considerando a natureza bioracional de ambas as construções e a sua interdependência semântica, Flamenco García (1999) acentua os traços comuns entre elas e justifica a sua inclusão nas orações bipolares, também designadas como interordenadas, por certas teorizações gramaticais. De facto, este tipo de relação sintática, constituído por um conjunto heterogéneo de construções, como as adversativas, as concessivas, mas também as chamadas adverbiais impróprias ou não circunstanciais, ocuparia um lugar intermédio entre a coordenação e a subordinação, supondo que entre estes dois polos (representados pelas copulativas e pelas substantivas, respetivamente) se estabeleceria uma espécie de gradação ou hierarquia, ao invés de uma bipartição.

Assim, poderíamos dizer que, não sendo as adversativas prototipicamente coordenadas (estas, sim, representadas pelas copulativas, como vimos acima), elas estão, em muitos aspetos, mais próximas das coordenadas do que as concessivas, que partilhariam mais propriedades com as subordinadas do que as adversativas. Mas a sua localização relativamente aos dois polos prototípicos da parataxe e da hipotaxe far-se-ia sempre mais por uma questão de grau de aproximação ou afastamento em relação a um protótipo do que por uma questão de inclusão ou exclusão em/de um dos dois polos das relações sintáticas entre orações. Em vez de uma oposição entre dois polos, será preferível encarar estas orações num *continuum* entre hipotaxe e parataxe.

Por outro lado, uma maior atenção aos aspetos de significado destas construções demonstra que elas partilham a existência de um conteúdo implícito que é ativado e refutado pelo conteúdo proposicional expresso em

10 Não nos deteremos, neste estudo, a detalhar as diferenças e as semelhanças entre estes dois tipos de ligação oracional. Remetemos, todavia, para o capítulo que, na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, trata desta matéria, a saber "Relaciones Paratácticas e Hipotácticas", de Ángel López García, in Bosque & Demonte 1999: 3507-3548). Também não iremos particularizar "construções que, do ponto de vista sintáctico, semântico e discursivo individualizam a coordenação adversativa" (Matos & Prada 2005: 701).

cada um dos seus membros.¹¹ Isto supõe, como assinala Flamenco García (ibidem: 3810), integrar os fatores contextuais e, logo, uma perspetiva pragmática, no estudo destas construções.

2.2. Da gramática ao texto/discurso

2.2.1. Adversatividade e concessividade como estratégias discursivas

A proliferação de estudos que contemplam a concessividade e a adversatividade como dois tipos de estratégia de carácter argumentativo é, na opinião de Flamenco García, uma evidência de que apenas uma descrição integrada, que contemple traços sintático-semânticos e pragmático-discursivos, poderá dar conta dos vários aspetos do funcionamento destas construções. As noções de adversatividade e de concessividade, independentemente das formas de materialização que encontram nas várias línguas, seriam, nas palavras de Flamenco García:

(...) una única categoría funcional de carácter mas general y abstracto cuyo fundamento se encuentra en el discurso. Según esto, cabe entender la concesividad y la adversatividad como dos estrategias complementarias de que disponen los hablantes en la comunicación, las cuales conforman a su vez un tipo especial de instrucción pragmática o de acto de habla. Así pues, si existe alguna diferencia entre ellas, esta tendrá que ver con la distinta estrategia que decida utilizar el hablante en su intercambio comunicativo, ya sea oponiéndose a un determinado estado de cosas o al acto lingüístico del interlocutor – estrategia adversativa -, ya sea asumiéndolo aparentemente y oponiéndose a la vez – estrategia concesiva – (cf. Moeschler y Spengler 1981: 93). Los mecanismos que regulan la elección por parte del hablante de uno u otro tipo de estrategia caen fuera, claro está, de un estudio estrictamente gramatical.

Flamenco García (1999: 3810-3811)

11 Se atentarmos nos exemplos prototípicos acima invocados: “Embora X tenha estado muito doente, foi trabalhar “e “X esteve muito doente, mas foi trabalhar.”, verificamos que qualquer um deles remete para um conteúdo implícito que é ativado, embora não dito, que poderíamos verbalizar da seguinte forma: “Se alguém está doente não vai trabalhar”. Através da construção condicional, enunciámos uma regra do domínio da *doxa* ou da voz *do mundo* que é ativada por ambas as construções concessivas e adversativas, que comunicam, justamente, a quebra dessa regra ou expectativa.

Fonseca (1998) procede, justamente, a uma análise semântico-pragmática integrada de construções contrastivas, demonstrando a proximidade existente entre construções com orações coordenativas adversativas e construções com orações subordinadas concessivas, pelas quais aquelas podem ser parafraseadas. Através do desdobramento analítico de uma construção como (8), agora retomada em (1), a *água não está quente, mas está morna*, o autor expõe essa proximidade:

I. TU dizes:

- A água não está quente
- como argumento para a conclusão r (por exemplo: - Não tomes banho!);

II. (i) EU admito/aceito (*movimento de concessão*):

- É verdade: a água não está quente.

(ii) E acrescento (*movimento de contra-argumentação*):

- Também é verdade:
 - A água está morna
 - sendo que jogo tal como argumento para a conclusão r' [no caso: (ao contrário do que propões) vou tomar banho].

Compreende-se, assim, que (1a) – em que o movimento de concessão é explicitamente formulado – constitua glosa de (1)¹²:

(1a) A água, (embora + ainda que) não esteja quente, está morna.

Fonseca (1998: 239)¹³

Óscar Lopes estuda as contrastivas em dois textos reeditados em (2005), em que também as aproxima de outras orações (como as condicionais e as causais-conclusivas) e chama a atenção para a alta frequência destas estruturas e para as diversas formas gramaticais que podem tomar:

A função semântica de contraste apontado para algo como uma apódose de valor constante é linguisticamente tão frequente que pode fazer-se por

12 No texto de Fonseca (1998: 239), o exemplo “A água não está quente, mas está morna” é referido como (1).

13 O nosso estudo assume precisamente uma perspetiva integrada, contemplando aspetos sintático-semânticos e pragmático-discursivos destas construções. Concentrar-nos-emos sobre enunciados autênticos recolhidos de um *corpus* de textos académicos, descrito adiante na secção 3.1., em que, frequentemente, os marcadores concessivos e adversativos coocorrem na mesma construção e em que, por esse motivo, o parentesco entre as duas estruturas se acentua.

simples justaposição (oxímoro), por oposição nominal ou relativa, por regência preposicional, por oração adverbial participial, gerundiva ou infinitiva, com ou sem marcadores especiais, como *até*, *mesmo*, *ainda*, [...].

Lopes (2005a: 188).

O autor salienta o elemento enfático habitualmente ligado às concessivas (Lopes 2005b: 204), e às contrastivas em geral, em que existe um valor semântico de valorização, hoje já um pouco apagado no significado base de muitos marcadores contrastivos (por exemplo, em ***todavia*** e ***contudo***). Sublinha que “os contrastes do tipo concessivo ou adversativo podem fazer-se de muitíssimas maneiras diferentes.” (Lopes 2005b: 206). Relaciona a variedade dos efeitos contrastivos com “o carácter dialógico, para não dizer dialéctico, da comunicação verbal corrente” (Lopes 2005b: 207), visão que vai servir-nos de enquadramento para a análise dos dados do *corpus*, porque iremos entendê-los como estratégias retóricas inseridas numa conceção dialógica dos discursos. No género textual estudado, trata-se de, por meio dessas estruturas, construir argumentos que se afastem dos de autoridade, dos do senso comum, dos que o próprio locutor num outro tempo avançou.

2.2.2. Adversatividade, concessividade e argumentação

2.2.2.1. Adversatividade e argumentação

Anscombe & Ducrot (1977) apontam algumas características do *mas* como partícula argumentativa que são produtivas para o nosso estudo de caso. Reconhecendo o *mas* como um elemento extremamente flexível, que pode ativar valores muito diferenciados, os autores referem que o valor contrastivo se mantém constante em todos eles. Esse contraste pode ser dado na própria língua, quando, por exemplo, os elementos contrastados são antónimos (ex: “A água não está quente, mas está morna.”), ou ser construído em discurso, quando o contraste depende de circunstâncias contextuais (ex: “Ele é republicano, mas é honesto.”¹⁴). Em qualquer dos casos, o *mas* veicula uma instrução para o possível encadeamento do discurso, já que ele

14 Esta distinção é equivalente à que reportamos acima na secção 2.1. estabelecida por Matos & Raposo entre contraste semântico e contraste pragmático, sendo o exemplo extraído e adaptado de Anscombe & Ducrot (1977: 29).

determinada direção argumentativa:

Concession is both a grammatical and functional-argumentative relationship, in which the two parts of the utterance are not equal in argumentative intensity (...). The concession occurs when the speaker seeks to enhance the positive attitude of the recipient towards the content of the nucleus by means of the satellite. The value of the concession as an argumentative relationship stems from the fact that one of the parts of the utterance always infers the stronger and final conclusion, and in doing so, overrides the other part, giving the entire utterance a particular argumentative direction. This makes the concession a useful persuasive device.

Livnat (2015: 71)

As estruturas concessivas resolvem bem uma tensão inerente a muitos géneros do discurso, nomeadamente o académico, em que o sujeito precisa de conciliar dois pontos de vista divergentes sobre um mesmo conteúdo, não pretendendo assumir um confronto forte com o ponto de vista oposto do seu. Constituídas por dois segmentos que apontam em direções contrárias, estas construções servem bem o propósito de o sujeito enunciador no discurso académico recuperar uma voz (da autoridade, da evidência), da qual precisa de se demarcar, não estabelecendo com a mesma um confronto direto e forte:

- (13) **Ainda que**, atualmente, a avaliação seja vista através de novos prismas, não apenas no que respeita aos métodos, mas também relativamente aos objetivos, não temos dúvidas ao afirmar que a mesma deve assentar em princípios de qualidade. (Rel_A, p. 41)

O conteúdo proposicional enunciado pela voz que se convoca num movimento de polifonia discordante é colocado na posição “satélite” da concessiva (Mann & Thompson 1986, 1988), a primeira parte da construção – em (13) “Ainda que” – sob o escopo de um marcador de concessividade; o conteúdo proposicional enunciado pela voz coincidente com a do locutor – em (13), “não temos dúvidas ao afirmar que” –, é colocado no “núcleo” da construção: a segunda parte da estrutura, a que encerra o contra-argumento que prevalece como mais forte.

Estas construções permitem, simultaneamente, integrar a voz divergente e parcialmente refutá-la, impondo, a propósito da mesma, uma conclusão inversa à que seria de esperar. Do ponto de vista argumentativo, permitem introduzir um argumento mais forte para uma dada conclusão, expresso no núcleo da construção, produzindo o efeito de diminuir a força argumentativa do conteúdo expresso no segmento satélite da concessiva.

Os efeitos das construções concessivas conduzem Livnat a afirmar que, no artigo científico, estas estruturas permitem ao enunciador apresentar os dados de forma argumentativamente orientada, no sentido de apoiar as suas alegações:

(...) the verbal description of the findings not only lends meaning to the data; the choice of a particular wording is a conscious one that makes it possible to use the data argumentatively, namely to give them an argumentative direction that supports the researcher's claims.

Livnat (2015: 77)

Essa capacidade de argumentar pressupõe uma voz autoral original, capaz de se distanciar do que leu, mas também de regular a distância a que se pretende colocar das vozes de que discorda.

2.2.2.3. Concessividade, adversatividade e atenuação

Uma outra proposta que carrega uma perspetiva relevante para nós é a que trazem Briz & Albelda (2013) na análise das construções contrastivas com valor concessivo contra-argumentativo como recurso ao serviço da estratégia de atenuação¹⁶, fundamental para o bom sucesso de uma interação argumentativa, uma vez que, nas palavras dos autores,

se atenúa argumentativamente hablando, para lograr el acuerdo o aceptación del otro (incluso, cuando esta sea solo una aceptación social).

Luego, es un mecanismo retórico para convencer, lograr un beneficio,

¹⁶ Na tipologia de táticas ou recursos linguísticos (verbais e não verbais) de atenuação propostos por Briz & Albelda constam: "Estructuras causales explicativas o justificativas, temporales, condicionales, concesivas (sea el caso muy frecuente en la conversación de los movimientos concesivo-opositivos, bueno, pero..., con un preludeo concesivo que da la razón para quitarla a continuación" (ibidem: 304).

persuadir y, a la vez, para cuidar las relaciones interpersonales y sociales o evitar que estas sufran algún tipo de menoscabo.

Briz & Albelda (2013: 292-293)

Pela própria natureza das situações de comunicação típicas do discurso académico, e particularmente dos géneros analisados neste estudo (trabalhos académicos de estudantes), os mecanismos de atenuação tendem a ocorrer com maior frequência, como referem Briz & Albelda (ibidem: 296).

Na tipologia de táticas ou recursos linguísticos (verbais e não verbais) de atenuação propostos pelos autores, que integram grande variedade de estruturas, constam as construções concessivas-opositivas (Briz & Albelda ibidem: 303). Esta estratégia cumpre, segundo eles, funções discursivas importantes:

Se debilita o minora la fuerza argumentativa en relación con la verdad o con la certidumbre de lo enunciado, el grado de conocimiento o el compromiso del hablante. Por supuesto, todo es fingido. La expresión de duda, de posibilidad, de incertidumbre, etc., son las tácticas que eluden responsabilidad, que previenen o que reparan, escudos autoprotectores cuando no también aloprotectores.

Briz & Albelda (2013: 303)

O uso das construções concessivas-opositivas (exemplificadas pelos autores quer através de estruturas concessivas quer de estruturas adversativas) contribui, pois, segundo eles, para uma estratégia argumentativa ao serviço da gestão das relações interpessoais e da imagem do “eu”. É argumentativamente mais útil uma discordância parcial do que uma discordância total, tendo em conta a Máxima da Concordância (Leech 1983).

3. Metodologia

3.1. *Corpus*

O *corpus* foi extraído de cinco trabalhos finais recentes (2020-2022) de

estudantes de Mestrado da FLUP. Depois de uma busca exploratória, em que procurámos conetores contrastivos em diferentes relatórios, seleccionámos, propositadamente, teses e relatórios bem classificados, porque, a partir de uma primeira análise, verificámos que esses conetores eram praticamente inexistentes nos trabalhos com piores classificações, mas abundantes nos que tinham classificação mais elevada, caracterizados por serem particularmente problematizadores, no sentido de terem mais sequências de tipo argumentativo, em que a polifonia divergente é frequente.

Como vimos nos trabalhos sobre atenuação, ela é um recurso frequente do discurso académico. Nesse género discursivo, é pelo uso de estruturas contrastivas (adversativas e concessivas) que a atenuação parece mais eficaz. Tendo nós, por várias vezes, já analisado textos pertencentes ao discurso académico (Duarte & Pinto 2015, Duarte & Rodrigues 2014), onde fomos dando conta da presença dessas estruturas, justifica-se que tenhamos voltado a esse discurso para elencarmos ocorrências das estruturas em causa e para as analisarmos.

3.2. Procedimentos de análise

Este estudo exploratório é de índole qualitativa. Não fizemos contagem de marcadores contrastivos, até porque alguns movimentos de tipo concessivo, por exemplo, não estão assinalados por qualquer marcador.

Os procedimentos de análise realizados estão ao serviço de um trabalho de descrição e explicação linguísticas de fragmentos longos, perspetivados nas suas dimensões linguística, textual e contextual, confrontados na complexidade do discurso, ultrapassando os limites específicos das análises centradas em exemplos isolados e fabricados. Trata-se, portanto, de uma análise interpretativa, que procura pôr em evidência como, em textos de um mesmo género, fortemente influenciados por um conjunto de coordenadas enunciativas comuns, diversas construções (gramaticalmente descritas em categorias separadas) concorrem, com valores e funções semelhantes, para o mesmo objetivo pragmático-discursivo.

Tendo como universo de referência do *corpus* textos autênticos longos, a análise foi realizada através de procedimentos como: a segmentação de enunciados que exibiam a configuração argumentativa objeto de estudo

(concessão + contra-argumentação) a partir da identificação de elementos linguísticos correlacionados (tendo em conta que o esquema objeto de análise é constituído por dois membros representados pela expressão *Sim... mas...*); a categorização desses segmentos em função dos marcadores linguísticos de concessão e contra-argumentação nos enunciados recolhidos, o que implicou uma série de procedimentos heurísticos de paráfrase, transformação, substituição, desdobramento analítico, destinados a confirmar ou invalidar hipóteses de categorização sucessivas das várias analistas; a descrição desses segmentos, tendo em conta dimensões sintático-semânticas e pragmático-discursivas; a comparação dos valores semântico-pragmáticos exibidos pelos enunciados das diferentes categorias; a explicação da ocorrência das construções em análise nos textos do género académico através da relação com a dimensão situacional/contextual de produção do discurso, estabelecendo uma ligação entre elementos de natureza linguística, enunciativa e interacional.

Apesar de uma análise detalhada dos casos selecionados para discussão ultrapassar o espaço adequado a este artigo, procurou-se que as descrições apresentadas na secção seguinte fossem o mais precisas possível para que possam ser discutidas e aprofundadas em trabalhos futuros.

4. Resultados e discussão

As construções contrastivas em análise são particularmente abundantes, como dissemos, no género discursivo relatório ou dissertação de final de Mestrado, nomeadamente quando se trata de documentos de qualidade. Por um lado, o locutor procura afirmar uma voz autoral original, demarcando-se de autores e textos que leu, que cita, mas com os quais nem sempre concorda na totalidade, como veremos nos exemplos (14) e (15), onde o dialogismo divergente é claro. Em (14), o locutor contraria os autores que cita anteriormente: na concessão, sugere que o método é interessante, mas depois, na adversativa, mostra que, afinal, esse método tem falhas. Produzindo, na estrutura concessiva, um ato expressivo de elogio (“o método era interessante”), depois da adversativa a argumentação aponta numa direção contrária (“não tinha tamanho suficiente”), revelando

uma concordância apenas parcial. Este movimento de duas estruturas contrastivas (apesar de x, no entanto y) permite ao autor afastar-se da voz da autoridade, em (15), “o manual”, mas fazê-lo de forma atenuada, “por motivos pragmáticos de convivialidade ou de salvar a cara”, segundo Lopes (2005b: 198), como convém ao seu estatuto de neófito. Óscar Lopes (2005a: 182) chama a atenção para o seguinte facto: “à excepção de *mas*, todas as conjunções adversativas mais ou menos se prestam a produzir efeitos de ordem comunicativa semelhantes aos das *clivagens*”. Nos exemplos seguintes, “no entanto” enfatiza a informação que se segue.

- (14) **Apesar de** se considerar que o método [de Bachman & Dambock (2017, p.80)] era interessante, percebe-se, **no entanto**, aquando da aplicação desta folha de registo, que o campo para tomada de notas não tinha tamanho suficiente para conceder *feedback* objetivo (Rel_A, p. 121)
- (15) Além disso, o manual supramencionado propõe, esporadicamente, exercícios de identificação de campos lexicais. **No entanto**, são abordados superficialmente, numa secção consignada às relações semânticas entre palavras, os processos de sinonímia e de antonímia. (Rel_C, p. 25)

O movimento argumentativo de afastamento em relação às referências de autoridade, plasmado nas estruturas contrastivas estudadas, encontra-se também em outros mecanismos linguísticos, como, em (16), no uso do verbo modal *poder*, ou do condicional:

- (16) Neste sentido, poderíamos então afirmar que Bordón (2015, p. 10) usa, neste campo, o significado de *exámenes* para falar de exames, **no entanto**, ao verificar a descrição que a mesma faz daquele conceito, podemos perceber que a autora estabelece um paralelismo entre os dois vocábulos, usando o termo indiscriminadamente para denominar duas realidades. (Rel_A, p. 34)

Por outro lado, para credibilizar o seu estatuto de jovem cientista, o locutor deve distanciar-se da voz do senso comum, como em (17) e (18), onde a expressão “muitas vezes” remete, justamente, para esse senso comum de cuja opinião o autor se afasta. Em (17), contraria opiniões frequentes “na literatura”; em (18), reforça a opinião dos autores citados depois de “no entanto”, afastando-se de uma posição não identificada, que a estrutura passiva torna mais genérica. Essa voz do senso comum pode ser de “professores, mas também para a população educativa e não educativa, em geral” (19) e a asserção do locutor, intensificada por “consideramos importante aclarar”, mostra as limitações dessa opinião não esclarecida e revela-se conceptualmente mais rigorosa:

- (17) Avaliação e teste aparecem **muitas vezes** relacionados na literatura com estudos sobre avaliação, **no entanto**, designam realidades diferentes. (Rel_A, p. 33)
- (18) As dimensões formativa e sumativa da avaliação são **muitas vezes** vistas como duas linhas paralelas que não se entrecruzam, **no entanto**, autores há, como Jones & Saville (2016, p.5), que apresentam uma abordagem sistémica, na qual declinam a separação clássica entre testes formativos e sumativos [...]. (Rel_A, p. 32)
- (19) Mencionámos, no parágrafo anterior, os conceitos de avaliação e de testes. Sobre este tópico **consideramos importante aclarar** alguns conceitos sobre avaliação que, **ainda que** resultem familiares não apenas para professores, mas também para a população educativa e não educativa, em geral, podem representar algumas dúvidas do ponto de vista da delimitação conceptual. Termos como avaliar, examinar ou testar representam realidades distintas. (Rel_A, p. 33)

A voz que fala neste género discursivo revela, por meio destas estruturas, a sua capacidade de reflexão quanto ao seu percurso investigativo, às escolhas metodológicas que fez, aos resultados a que chegou. Através destes movimentos argumentativos, o locutor constrói um *ethos* de sujeito autorreflexivo. É uma voz que parece, por isso, divergir de si própria, isto é, que procura pensar sobre opções feitas, desdobrando-se na voz que relata

e na que reflete sobre o relato: enunciador₁ e enunciador₂ não concordam integralmente, embora possam remeter para um mesmo locutor (Ducrot 1988, 2014). Em (20), depois da contrastiva, o locutor faz a sua autocrítica, apesar de a atenuar por meio de “um pouco”; em (21), também é clara a função de mitigar uma asserção do próprio locutor, de mostrar capacidade de reformulação, de sugerir que há sempre outra forma de ver os factos, de problematizar criticamente o que se fez. Essa capacidade de autorreflexão que as estruturas contrastivas atestam não invalida que o locutor tenha convicções fortes e as defenda, como acontece em (22) através da intensificação do ato assertivo (“é fundamental”) e da modalidade deôntica (“não devem ser x”, “devem ser y”, estrutura também ela contrastiva).

- (20) Por outro lado, os alunos demonstraram um grande espírito colaborativo e muita autonomia, o que potenciou um bom clima da sala de aulas e um bom momento de aprendizagem colaborativa. **Todavia**, fomos um pouco ambiciosas no trabalho a que nos propusemos realizar com a turma. (Rel_B, p. 78)
- (21) Seguidamente, passar-se-á à apresentação do como se operacionalizaram as atividades, de acordo com a estratégia global assumida neste plano de intervenção. **Todavia**, é necessário salvaguardar que se procedeu, sempre que se verificou necessário, ao reajustamento de procedimentos didáticos, [...]. (Rel_B, p. 62)
- (22) Responder a estas perguntas **é fundamental** para obter uma avaliação que cumpra com os objetivos que se pretende atingir. Há que ter em conta, **no entanto**, que, **ainda que** se trate de itens individualizados, estas questões **não devem ser** pensadas separadamente, já que estão interligadas e **devem ser tidas em consideração** no planeamento da avaliação de um curso. (Rel_A, p. 25)

Note-se que o segmento argumentativamente mais forte nem sempre está atenuado. Em (23), como em outros exemplos do *corpus*, a asserção correspondente à posição do locutor é intensificada pela expressão “não temos dúvidas ao afirmar que”, testemunhando que ele tem opiniões firmes.

A intensificação dos atos assertivos pode, no entanto, estar no primeiro segmento, que vai ser contestado depois do marcador contrastivo (24), testemunhando que o locutor é capaz de se distanciar até de asserções impositivas. A uma asserção do locutor (“podemos afirmar que” x), este acrescenta uma especificação argumentativamente mais forte: “ainda assim” y. Em (25), o reforço da asserção (“é fundamental”) é atenuado a partir de “No entanto, apesar de”, sendo a opinião do locutor reforçada pela modalidade deôntica (“deve ser encarada”), no final do segmento.

- (23) **Ainda que**, atualmente, a avaliação seja vista através de novos prismas, não apenas no que respeita aos métodos, mas também relativamente aos objetivos, **não temos dúvidas ao afirmar que** a mesma deve assentar em princípios de qualidade. (Rel_A, p. 41)
- (24) Deste modo, **podemos afirmar que** estruturas mais associadas à língua escrita e formas gramaticais complexas são esperadas e valorizadas apenas quando se trata de um discurso planeado, nomeadamente, apresentação de conferências, discursos, entre outros, que ao ser ensaiado vai permitir a introdução destes elementos, sendo, **ainda assim**, caracterizado por frases mais curtas do que num texto escrito. (Rel_A, p. 54)
- (25) Neste sentido, e por forma a garantir a qualidade das avaliações e certificações por estes concedidas **é fundamental** pensar a avaliação em cursos de línguas estrangeiras por forma a que as mesmas estejam de acordo com a exigência e excelência que se espera delas. **No entanto, apesar da** importância que se confere a um certificado, os cursos de língua têm, em primeira instância, e antes de qualquer outra coisa, uma função pedagógica que visa a aprendizagem dessa língua estrangeira, e a avaliação **deve ser**, neste contexto, encarada como um processo indissociável desse objetivo. (Rel_A, p. 20)

Esta análise e discussão de ocorrências do *corpus* testemunha uma competência argumentativa que, tendo em conta Costa (2010), pode ser treinada, pois

saber escrever textos equilibrados do ponto de vista da complexidade sintáctica e lexicalmente ricos implica o conhecimento activo e mobilizável de um elenco vasto de conjunções, de locuções conjuncionais e de advérbios conectivos. No caso particular dos conectores de contraste, esse conhecimento envolve opções entre as suas especificidades sintácticas (coordenadores vs. subordinadores, propriedades de selecção...) e semânticas (de oposição, de contraste por contraposição, de concessão, factuais, condicionais...).

Costa (2010: 49)

Uma consequência a retirar da investigação feita será a necessidade de levarmos a cabo um trabalho de reflexão sobre os valores dos conetores de contraste, como forma de estimular, nos estudantes universitários, um pensamento divergente e, sobretudo, uma produção de texto académico mais adequada e eficaz.

5. Considerações finais

A consideração integrada de elementos e estruturas gramaticais numa análise dos valores semântico-pragmáticos a partir do funcionamento nos textos/discursos evidencia dimensões que, de outro modo, permaneceriam invisíveis, se bem que ativas, no uso da língua. Procurámos mostrar como as diferenças (sintácticas) dos vários formatos representados pelo esquema *Sim..., Mas...* não impedem a sua ocorrência com valores semântico-pragmáticos e discursivo-argumentativos comuns em textos académicos de estudantes de Mestrado. Além disso, fortaleceu-se a hipótese (intuitivamente esboçada no início deste estudo) de que esse esquema no género textual em causa pode vir a ser confirmado como indicador da capacidade de problematização e de pensamento crítico dos autores dos textos, podendo vir a funcionar como marcador específico de valorização da competência de escrita académica.

Assim sendo, perspetiva-se a continuação deste trabalho no sentido de quantificar as ocorrências das construções analisadas no *corpus*, contabilizando a frequência de cada um dos formatos específicos considerados.

O desenvolvimento da pesquisa no futuro poderá responder a questões como as elencadas a seguir: (1) que elementos cotextuais coocorrem e potenciam os movimentos argumentativos de concessão e contra-argumentação incorporados nas construções contrastivas analisadas? (2) que implicações produzem estes elementos coocorrentes com estas construções na estratégia argumentativa do locutor? (3) em que parte da estrutura do género discursivo estudado são estas construções mais frequentes? (4) são idênticos os valores destas construções no enquadramento teórico e, por exemplo, na discussão dos resultados? (5) haverá alguma relação entre qualidade da tese, traduzida na classificação final, e frequência destas construções argumentativas? (6) a reflexão sobre os efeitos pragmáticos do uso de contrastivas poderá melhorar a capacidade argumentativa dos estudantes durante a redação das dissertações?

Neste trabalho procuramos demonstrar que construções contrastivas como as adversativas e as concessivas adquirem, no discurso, funções semântico-pragmáticas e discursivo-argumentativas muito semelhantes, estando ao serviço da marcação de polifonia discordante mitigada. Enquadradas em movimentos argumentativos compósitos, estas estruturas permitem construir uma estratégia confrontacional que compatibiliza acordo (embora parcial) e desacordo, estratégia que se revela como eficaz na interação em geral e como particularmente adequada no género discursivo em análise.

REFERÊNCIAS

- Anscombre, J.-C., & Ducrot, O. (1977). Deux mais en Français? *Lingua*, 43(1), 23-40.
- Barros, C. (1986). *Construções contrastivas em Português* [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Porto.
- Barros, C. (1988). A propósito de morfemas contrastivos em português: um *mas* de exceção/provocação. *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*, 5(1), 269-275.
- Barros, C. (1997). De *magis* a *mais*: deriva semântica e pragmática. In J. Fonseca (Org.), *A organização e funcionamento dos discursos. Estudos sobre o português* (Tomo 1,

- pp. 25-48). Porto Editora.
- Barros, C. (1998). Observações sobre a adversativa *mas*. In J. Fonseca (Org.), *A Organização e o Funcionamento dos Discursos* (Tomo 1, pp. 11-23). Porto Editora.
- Briz, A., & Albelda, M. (2013). Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto común (es.por.atenuaciOn). *Onomázein Revista de lingüística, filología y traducción*, (28), 288-319.
- Charaudeau, P. (1992). *Grammaire du sens e de l'expression*. Hachette.
- Costa, A. L. (2010). *Estruturas contrastivas: desenvolvimento do conhecimento explícito e da competência de escrita* [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Duarte, I. M., & Pinto, A. G. (2015). La construction de l'éthos scientifique: stratégies d'effacement et d'inscription de soi dans des dissertations académiques. *REDIS - Revista de Estudos do Discurso*, (4), 95-115.
- Duarte, I. M., & Rodrigues, S. (2014). Modalisation et distance énonciative dans des rapports d'évaluation d'activités de formation de professeurs. *REDIS - Revista de Estudos do Discurso*, 3, 11-30.
- Ducrot, O. (1988). *Polifonia y Argumentacion*. Universidad del Valle.
- Ducrot, O. (2014). Quelques raisons de distinguer "locuteurs" et "énonciateurs". *Polyphonie - Linguistique et Littéraire*, 3, 19-41.
- Flamenco García, L. (1999). Las Construcciones Concesivas y Adversativas. In I. Y. Bosque, & V. Demonte (Orgs), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (Vol. 3, pp. 3805-3878). Espasa.
- Fonseca, J. (1998). O funcionamento discursivo de 'se não A, pelo menos B'. In J. Fonseca, C. Barros, & C. Rodrigues (Orgs.), *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o português* (Tomo 2, pp. 237-280). Porto Editora.
- Leech, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. Longman.
- Livnat, Z. (2015). Linguistic-rhetorical investigation of concession structures in a confrontational academic context. *REDIS - Revista de Estudos do Discurso*, 4, 66-94.
- López García, A. (1999). Relaciones Paratácticas e Hipotácticas. In I. Bosque, & V. Demonte (Orgs), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (pp. 3507-3548). Espasa.
- Lopes, Ó. (2005a). Sobre as contrastivas em Português. In F. Oliveira, & A. M. Brito (Coords.), *Entre a palavra e o discurso. Estudos de Linguística 1977-1993* (pp. 177-191). Campo das Letras.
- Lopes, Ó. (2005b). Construções concessivas: algumas reflexões formais lógico-

- pragmáticas. In F. Oliveira, & A. M. Brito (Coords.), *Entre a palavra e o discurso. Estudos de Linguística 1977-1993* (pp. 193-209). Campo das Letras.
- Mann, W., & Thompson, S.A. (1986). Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, 9, 57-90.
- Mann, W., & Thompson, S.A. (1988). Rhetorical Structure Theory: Towards a functional theory of text organization. *Text*, 8(3), 243-281.
- Marques, M. A. (2022, no prelo). Discurso académico e discurso científico: aproximações, diferenças e ensino. In C. Marques, P. N. Silva, & A. G. Pinto (Eds.), *Discurso Académico: Conhecimento Disciplinar e Apropriação Didática*. Celga-ILTEC.
- Matos, G., & Prada, E. (2005). Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. Concessivas. In I. Duarte, & I. Leiria (Eds.), *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 701-713). Associação Portuguesa de Linguística.
- Matos, G., & Raposo, E. P. (2013). Estruturas de coordenação. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (vol. 2, pp. 1759-1817). Fundação Calouste Gulbenkian.

CORPUS ANALISADO

- Rel_A - Marques, Tânia. 2020. *Avaliar cursos de Português Língua Estrangeira. Contributos para a avaliação da Expressão Oral*. Porto: FLUP. Relatório de Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira.
- Rel_B - Correia, Miguel. 2021. *Vantagens do ensino explícito do léxico na pré-leitura: um estudo pedagógico-didático, numa turma do 7.º ano*. Porto: FLUP. Relatório de Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.
- Rel_C - Soares, Lucinda. 2021. *Metodologias ativas na aula de Português: um percurso didático de motivação para a aprendizagem*. Porto: FLUP. Relatório de Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário.
- Rel_D - Gonçalves, Marina. 2021. *Rever e reescrever textos de opinião como aprendizagens essenciais para a competência de escrita. Um estudo de investigação-*

ação no 9º ano de escolaridade. Porto: FLUP. Relatório de Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Rel_E – Luís, Nuno André do Carmo. 2022. *A autonomia do aluno no Ensino de Inglês do 1º ciclo do Ensino Básico – aspetos metacognitivos*. Porto: FLUP. Relatório de Mestrado em Ensino de Inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico.